

# Os Ladrões de Casaca NO RIO DE JANEIRO.

**Exequias do falecido rei de Portugal pela  
caixa de socorros de D. Pedro V.**

O Catholicismo romano caminha ao seu ocaso.

Esta convicção recrudece todos os dias por que as provas resaltam e a verdade se manifesta.

Desde que em um templo católico não se observam os mandamentos do Evangelho; desde que os católicos romanos se esquecem em seus actos da presença de Deus; desde que a religião dos Papas se desmascara, e a luz se faz em todos os espíritos, não resta a menor dúvida de que a PALAVRA DO ALTISSIMO tóca os corações dos verdadeiros crentes; dos fieis á Nossa SENHOR E UNICO SALVADOR: d'aquelles que entendem que mais convém obdecer á Deus do que aos homens.

E como não haverá ser assim?

Não vemos todos os dias postergadas as ordens do SENHOR pelos ministros da grei romana?

Não assistimos à representação cómica da transubstanciação? Não vemos os efeitos das hostias dos Malagridas? Não somos testemunhas oculares do com os herdeiros dispendem á seu bel prazer de um TESTAMENTO que não foi legado só á Pedro, mas á Paulo e á todos os discípulos homens e mulheres?

Ainda no dia 11 do corrente uma companhia estrangeira, que sob o título de *caixa de socorros de D. Pedro V.*, funciona nesta corte, mandou suffragar a alma de seu bem fez e falecido rei, com estrepito e pompa puramente christan na igreja de S. Francisco de Paula.

O bronze gemia na torre chamando os fieis ao dobro dos finados; a musica contristava os corações, as preces sahiam de todos os labios, e os devotos tocados pelo sentimento do acto, e sob a pressão que lhes compungia as almas, corriam pressurosos ao templo de Deus, ou antes de S. Francisco, para implorar ao Altissimo por aquella alma que se foi. Mas uma sentinelha lhes embargava o intento...

— Não vindes de *casaca*, dizia ella. A vossa calça não é de casemira preta; retirai-vos, não estais decente para entrar e orar!

Mas ao mesmo tempo afastava-se submissa para deixar penetrar no *santo asylo* o commendador encasacado, ou o convidado que vinha no rigor da ethiqueta!

O conceito que dessa *piedade* fizeram os que foram repelidos, foi juntar-se aos muitos ja manifestados em outras e em idemáticas circunstâncias.....

Sabe-se do que é a religião romana que commenmora á Pedro de Arbues, seu dilecto filho, pelos bons serviços que lhe prestou nos autos de fé; sabe-se de como o catholicismo compulsa e comprehende as paginas do Evangelho; conhecem-se as injurias que soffrem os brasileiros em sua propria terra....

E nada mais acrescentaremos.

## ROMANCE HISTÓRICO

### Balcão Baralho e Brazão

ou

As preceas dos ladrões de casaca

POR

R. B.

(Continuação do numero 3)

— Tanta bondade, meu senhor....  
— Gosto dos bons criados, e sei que tu mereces bem a estima dos homens de bem.

— Eu só cumpro o meu dever, meu senhor.  
— E's sempre dedicado á tua ama?  
— Ella é pontual nos pagamentos, Sr. barão.  
— E gostarias de vê-a feliz, rica, e respeitada?

— Ella goza tudo isso, Sr. barão; é feliz, é rica, é respeitada.

— Sim; e só lhe falta pertencer á alta aristocracia, ser baroneza, gozar dos titulos e das honras da corte.

— Minha ama, Sr. barão segundo tenho ouvido dizer á mestre Leandro, não ambiciona senão assegurar a fortuna de suas filhas e tornal-as o mais feliz que poder. E V. Ex. de-me licença....

— Espera, Marciano, tenho que te pedir um favor...  
— A' mim, Sr. barão??

— Sim. Ha muitos dias que espero occasião de fallar a sós contigo. Tu sabes que sou rico, tenho nobreza, e valimento e posso com facilidade obter para ti uma posição vantajosa na sociedade. Posso te fazer juiz de paz...

— Ou inspector de quarteirão...  
— Tu zombas, Marciano?  
— Não, Excellentíssimo. Digo isto por que vejo que V. Ex. é muito poderoso.

— E' verdade; posso pois te fazer juiz, ou o que tu mesmo escolheres. Mas para isto é preciso que me faças um favor.

— V. Ex. pade fallar.  
— Toma, entrega este bilhete á tua ama, e leva-me a resposta a manhã á minha casa.

Marciano recuou um passo, pôz o chapéu na cabeça, fechou os punhos e bradou!

— Ah! si não estivessemos na rua....  
— O que farias?  
— Havia de ensinar a V. Ex. a não ser insolente.

Por seu turno o barão rubro de colera e de vergonha, avançou para o ousado lacaio prompto a esbofeteá-lo.

Porem Marciano descarregou-lhe um sôcco em cheio sobre o nariz, sob a pressão do qual o barão viu relusir as estrelas e cahio sobre os degraus de pedra da capella imperial.

Esta ligeira altercação foi suficiente para reunir em torno do barão uma chusma de curiosos que logo o cercou, enquanto que Marciano bramindo como um touro continuou o seu caminho dirigindo-se para a rua da Misericórdia.

— Agarrem, agarrem nesse patife, gritava o barão tentando erguer-se.

— Ah! é o Sr. barão de Pirapóca. O que foi isto Sr. barão? perguntou um dos curiosos.

— Foi um ladrão que me quiz roubar e que segundo me parece me ferio no rosto com o seu punhal.

E levantou-se.

Imediatamente ouviu-se o apitar das patrulhas, o povo tornava-se compacto, e permanentes a cavalo, inspetores de quarteirão, e pedestres se aproximaram do misero barão.

— Foi um ladrão, dizia o povo, que lhe deu uma punhalada no nariz para roubar a S. Ex.

— Quem é elle, para onde fugio? perguntava a soldadesca.

— Fugio por esse largo á fora.

— Que qualidade de homem é?

— É um sujeito todo vestido de preto....

— Os soldados, os inspectores, correram em todos os sentidos, e o barão tratou de fugir aos curiosos dizendo:

— O golpe não foi profundo, preciso de repouso....

Mandem vir um carro...

Um officioso partiu e voltou em breve com um carro de aluguel no qual o barão entrou promettendo mandar sua queixa á polícia.

Entretanto, Marciano chegou á salvamento á casa do Dr. Cotindyba.

## V.

A' meia noite D. Maria da Silva e suas filhas retiraram-se da companhia dos officiosos convidantes, depois da sensaboria de *um cha* como são todos os chás do Rio de Janeiro.

O par fraterno ficou só.

— Ora, com effeito, meu irmão, admira-me a tua inexperiencia. Pois não percebes que ella não uentre por ti sentimento algum de ternura? Não te passou ainda pela cabeça a suposição de que pelos meios licitos nada conseguiremos?

— É verdade, Florzinha, agora tudo isto brilha á meus olhos como um diamante aos raios do sol.

— Irmão, eu tenho reflectido, e muito! A tua desenfreada paixão pelo jogo nos arruinou completamente, e à borda já do funesto precipicio só nos poderá salvar um acto de bravura e horoismo de que tu serás o principal actor.

— Mas de que acto fallas tu? Explica-te...

— Simplesmente do seguinte: A somnolencia, o rapto, a deshonra e depois a reparação por meio do casamento.

— Peste! Ella resistirá.

— Qual *ella*! Resiro-me á alguma das filhas. Que te importa a pessoa? Não é o dote que buscamos?

— Deixa-me primeiro reflectir.

— Nada de reflexão, quem pensa não casa.

— Em summa...

— Ajudar-te-hei. Propinarei um narcotico á uma delas, ficando o rapto por tua conta.

— Está dito!

— E amanhã estará tudo concluido.

— E' mais de meia noite.

— Então, o dia de hoje será de grande expediente. Bôa noite, irmão.

E a ruiva e sardenta Sra. D. Florisbella, tomou um castiçal onde ardia uma vella de espermacete, e retirou-se

para o seu aposento de solteirona idosa na phrase de um celeberrimo deputado de nomeação ministerial.

O Dr. ficou boquiaberto, admirando o tacto, e o genio transcendente da inestimavel irman.

Depois, fez como ella, foi dormir.

A' esse tempo o barão de Pirapóca, estendido sobre um divan de sua *sala nobre* tinha sobre as ventas um chumaco embebido em arnica.

A seu lado estava seu mordomo, brasileiro naturalizado como elle, e especie de rochonchudo manequim de casa de roupa feita, cujos olhos em extremo pequenos pareciam immoveis sob os cílios imperceptiveis.

— Manoel de Souza, dizia o barão; o meu negocio é de vida e morte.

— Comprehendo, meu amo, V. Ex. foi insultado...

— E por um ministro da corda, que, bem como eu aspira a mão da viúva. Tu sabes que tenho fortuna de sobra.

— Sei, meu amo.

(Manoel de Souza sabia o contrario.)

— ... e que só por extrema paixão quero effectuar e te casamento afim de suplantar o meu rival. Infame! Deume um tal sôcio!

— E ás trações, meu amo!

— Sim; fugindo vergonhosamente por entre uma multidão de carros, quando eu o presegui para exterminal-o. Já vês pois o motivo por que careço de ti.

— Tenho tudo comprehendido e V. Ex. hâde ficar satisfeito.

— Então como tens comprehendido?

— Farei, logo que amanheça, chegar ás mãos da Sra. D. Maria da Silva, futura baroneza de Pirapóca, a carta que a convida a chegar a toda a pressa á Copacabana, onde se acha a polícia interrogando e prendendo os seus famulos, accusados de haverem assassinado esta noite sua tia D. Thereza de Caciumbas. Nessa carta, o seu feitor lhe pedirá que vá em carro de aluguel por que até o seu cocheiro e lacaio estão comprometidos.

— Muito bem; não esqueças esta circumstância.

— Ella entrará no carro de aluguel, que por accaso estará á alguma distancia de sua residencia á espera de freguezia, e o cocheiro a condusirá.

— Para a charara que está com escriptos na Lagôa de Rodrigo de Freitas.

— Eu lá estarei com seis homens mascarados, armados de punhaes, e forçal-a-hei.

— Isto é, fingirás forçal-a, nada de...

— Está claro, meu amo.

— Os homens a amarrarão e depois...

— Eu chegarei a tempo de espada em punho e a livrarei.

(Continua.)

## A Crusada dos ladrões de casaça.

### I.

Os antigos Romanos dividiram-se em duas classes — *Patricios e Plebeos*.

Na dos Patricios resplandecia a authoridade e a riquesa, na dos Plebeos a humildade e a pobresa,

Um bello dia porém, a luz divina appareceu-lhe fazendo conhecer os seus direitos, então o povo erguendo-se como um Gigante, exigio, que d'entre elle fosse nomeado quem o representasse foi satisfeito, nem podia deixar de ser, creou-se o Tribunato.

Comparando, o que se vê aqui? Duas grandes Taças collocadas n'um elegante Edificio: uma com o doce licor que felicita os Patricios e aviventa o absolutismo, a outra

com fel amargo que adormece os Plebêos e suffoca a liberdade.

## II.

O *Pergaminho* esse fascinante documento indica o homem habilitado para bem servir os cargos publicos tornando-se digno da consideração e estima de seos concidadãos; porem se o habilitado bu ca o Estandarte da politica para satisfazer sua desregrada ambição, ei-lo de carreira á taça, e um só trago do licor o coloca na classe dos Patricios.

E' infelicidade dos nossos Plebeos! Nunca tiveram nem tem quem verdadeiramente os represente, os defende e sustente sua liberdade, e se algum apparece é silingornio, que mais cedo ou mais tarde corre á taça e ei-lo na crusada dos Patricios.

Coriolano orgulhoso Patrício tentou abolir os Tribunos do povo, porem este se lhe opoz, conseguindo até que fosse banido de Roma.

Os Patricios da crusada não aboliram os Juizes de Paz porem tiraram-lhes suas melhores atribuições, as garantias publicas.

(Continua.)

## Escândalo social.

Raro é o dia em que nesta capital do Imperio não se abre á concurrencia publica mais um açougue de carne fresca.

Diz o antigo annexim, que o boi é vacca no açougue; mas podemos afirmar á fé de quem somos, que a carne exposta nesses de que fallamos é puramente de vacca.

Não vem elas das invernadas trazidas pelos invernistas ou compradas pelos atravessadores e monopolistas.

Criam-se nesta cidade, tranxitam por ella sem marcam os tranzenentes, e são levadas ao açougue sem sofrerem mutilação alguma.

São vaccas de nova especie, negras como um azeviche, e cuja carne dá um lucro espantoso á seus legítimos possuidores.

O leitor não tem visto desses açouques nas ruas do Hospicio, dos Andradadas, do Sabão e em outras?

Pois esses açouques foram inventados por gente que frequenta a melhor roda, entra no seio das mais conspi- cuas famílias, recebe galardão de seus haveres commer- cias.

Quero leitor ouvir a historia de uma vaquinha? Escute:

Era uma vez um homem rico, casado e com trez filhas. Negociava nesta cidade em negocio de grosso trato; era cavalleiro de umas das Ordens do Imperio, e commendador da de Christo portugueza.

Esse homem, vizitando um dia a fazenda de um compadre do Municipio de Cabo Frio, comprou-lhe uma vaquinha preta pelo valor de um conto de reis, e retirou-se com ella para esta corte sem pagar a quantia.

Mas passou uma letra á 15 dias, letra negociada pelo compadre, e protestada em segunda mão pela falta do respectivo pagamento.

Já vê o leitor, que á vista de tal occurrence o proprio negociante pediu abertura de fallencia, e quebrou das verilhas com toda a certeza.

D'ahi deu-se como roubado, foram prezos os seus caixeiros e processado o caixa pelo desapparecimento de cem contos de reis, tirados da burra em alta noite pelo proprio negociante, que tinha a chave á sua disposição.

Vieram os credores, e não acharam um real; mas um delles lançou mão da vaquinha e chamou-a sua propriedade.

O juiz annuo e o negocio ficou liquido.

Entao o *mitra* andou affectando pobresa.

Fez como o Visconde de S.

Primeiro andou á pé, depois de diligencias e trem de ferro, e por fim atroou a cidade com o estrepito de suas carruagens, atirando para um canto o bordão mendicante e envergando a casaca dos homens de gravata lavada.

Em pouco tempo mascateou em tudo. Quitanda de balas e cocadas, linhas e alfinetes, nabos e nabigas, caldo de cana, canjica cosida, café ambulante, galinhas, amen-doms e pipocas, em tudo em fim!

Sua ganancia foi descommunal, seu espirito infatigavel, sua cobiça desmedida!

Criou entao os açouques de nova especie: vendeo carne gorda de vaccas pretas, e, cousa singular! As vaccas deste homem davam-lhe o jornal de vinte mil reis diarios, sem soffrerem as agonias do talho!

D'ahi veio-lhe a lembrança de tornar a comprar a vaquinha preta, e de leval-a para um açougue especial.

E assim fez. Estabeleceu-a á rua do Hospicio, mobiliou-lhe o açougue, deu-lhe em vez de palha para dormir uma cama escolhida por suas proprias mãos; em vez de mangedoura uma mesa elastica; e em lugar de capim o fornecimento nutritivo de uma casa de pasto!

Chamou-lhe freguezia, deu-lhe cartões de visitas com o nome da vaquinha, e vales impressos no valor de 10\$000.

Estes vales diziam assim, amigo leitor:

“Uma entrada e uma saída valem dez mil reis que recebi adiantados. — Maricota.”

E impos-lhe o jornal de 5\$000!

Onde é que esta pobre vaquinha iria todos os dias buscar 50\$000, quando os de sua cõr só vendem a meia quarta de sua carne á dez tostões?

A misera não achou freguezia por tal preço, em uma epocha em que o Alcazar tudo ganhava!

No fim de oito dias foi parar á correcção, onde rasparam-lhe a cabeça e encheram-lhe as mãos de palmatoadas.

Mas era pouco.

Veio para casa do Sr., foi surrada e depois de curada, voltou para outro açougue, onde houve abaixamento de preço e o jornal foi reduzido á 20\$000

A vista da fintação do 1º. pagamento da vaquinha, da quebra fraudulenta, do roubo aos credores, e dos cem contos tirados da caixa, não será esse negociante um ladrão de casaca?

Creemos que sim, e desde já o convidamos a vir desmentir-nos.

*Theseo.*

## Carta das Bahianas ao João Antônio Segredo.

Sr. J. A. Segredo.

Maldita foi aquella hora em que Vmce. nos mandou buscar e á nossa mae na cidade da Bahia para lhe fazermos companhia!

Depois de usar de nós em todo o sentido e alternadamente; depois de praticar quantas infamias bem lhe pareceu, na miseravel esteira que nos deu, e ao lado do quebrado pote que nos foi presente seu, chegamos á necessidade de despedil-o, porque alem da miseria da condicão a que nos reduzio, tinhamos a miseria da fome.

Safado! Infame! homem estupido e ordinario!

Pagaste-nos a casa das proximidades do Engenho Velho; mas destes por fiador aquelle certo carpinteiro muito seu conhecido.

Nem pão para comer, nem reupas para cobrir nossa nudez.

Vem, miserável e pela ultima vez carregar o pote e a esteira que te atiramos á cara, cheias de arrependimento e vergonha!

(Estava aqui a assignatura.)

### **Carta da infeliz Carlota cativa ao João Segredo.**

Sigo o exemplo das almas indignadas.

Repillo-te com a ponta do pé.

Podia repellir-te com o sapato á custo enrubecendo-te as faces.

Mas o que te resta a perder?

Fizeste comigo o trato de proporcionares 40\$000 de alluguel de casa...

Mas és carpinteiro e pensastes que aquella casa podia ser substituida por uma casa de cortiço unica offerta que nos fizestes.

Despertei á tempo. Para um infame de seu quilate, só um desses artefactos que se penduram ás portas dos correiros da Candelaria!

Perdeste a vergonha.. Todo o mundo é teu. *Carlota.*

### **Trindade perrengueira.**

*Péga nesse perrengueiro  
Que anda à laia de pião  
Montado na cavallada  
Do malandro do patrão!*

(J. A. Segredo.)

Um destes *brusundangas* que por artes diabolicas, se apresentam nesta cidade carpinteiro e negociante de cavalos; chamou, por mal de seus peccados, para caixeiro da fábrica, á um certo quidam, meio alcatroado e meio lavado.

Imagine os leitores um lôrpa, já brunido, estudando a pronuncia brasileira e fazendo-se bahiano e terá idéa do que é o Sr. João, ou talvez Antonio, com feições de Segredo.

Ora, o lapuz, tomado tanto no negocio, principiou as suas altas cavallarias *brunindo* a gaveta da patroa.

D'ahi as falcatruas, a apresentação ás *patricias*, a frequencia das amizades do *Fanha*, e por fim o complemento da educação do casmurro.

De proezas em proezas, de *brunição* em *brunição*, chegou o desalmado malandro á lançar suas vistas requebradas para uma preta rica moradora lá para o Engenho Velho.

A repulção foi o resultado deste intento desastrado. Uma janella fechada á cara do besuntão, a ameaça de um xicote no lombo, e dos cinco mandamentos na deslavada chocolateira, foi o incentivo que o levou ao *Correio Mercantil* para publicar sob o titulo de — *As cativas* — as sandices que obteve do *Capenga*.

Si ha moral depravada, sentimentos rebaixados, distinção infame, o *capenga caixeiro* cunhado tudo tem!

Miserável ao ponto de levantar as vistas para a propria.... imundo até não lavar-se nem uma vez por mez, este traste descido ao infimo da degradação, é o que ha de mais asqueroso na sociedade!

Lixo lançado ás praias, e arrecadado por um José ou por um Cândido faz-se de parceria com estes, socios do carpinteiro *maromba* no atropiamento á reputação da incauta preta!

Podesse a policia, em vez do juiz commercial, prescrutar os arcanos desse *Deve e Hade Haver* e teria mais um inquilino para os cubículos do Major Thompson!

Não ha ilhôa *estabellizada* á rua do Fogo ou do Hospicio que não possua um objecto que lhe foi deixado em penhor pela falta do respectivo pagamento....

Não ha vadio frequentador do Cães Pharoux ou da rua de S. Jorge, a quem elle não deva os favores que recebeu... — *Calloteiro* — é o seu epitheto privativo — *Capenga* a sua alcunha de familia!

E por que?

Por que esse immundo, mandou buscar á cidade da Bahia uma mãe e trez filhas, das quaes é o *tunante*, e elles se chamam *cupangas*!

Desastrado será o fim dessas miserandas, e basta-lhe o contacto do reproto!

Ah! si o leitor o visse em conselho com o *José* e o *Cândido* todos surripiadores no Engenho-Velho; si os visse redigindo as sandices que aparecem sob o titulo *caticas* veria até on le pode chegar a estupidez, o cynismo, e a depravação destes —*capenga maromba* — e —Lingua rudo!

Pela nossa part louvamos o procedimento da preta rica atrozmente offendida.

Repello, ameaçou, castigou o insolente!

Mas aquellas faces jamais coram!

Continuaremos, leitor, porque esta *trindade capangueira*,

« Conhecido no Engenho-Velho  
« Nesse lugar afamado,  
« Tem por socio um tal Segredo  
« Pelintrião desaforado !

*Segredo, Maromba e Capenga.*

(Continua com verdade em tempo competente.)

### **• Jornal do Commercio e os diffamadores.**

Com o titulo acima foi publicado na *Opinião Liberal* e depois transcripto no *Correio Mercantil*, de 14 do corrente um insultuoso artigo em que de envolto ás mais asquerosas sandices, quer o redactor d'aquelle papelucho atirar nós o insulto e a diffamação!

E quer o leitor saber quem é o redactor da *Opinião Liberal*, quem é este mendigo que ousa querer moralizar a sociedade, quando é elle o maior devasso que conhecemos?

Quem não o terá visto dando o braço ás francezas e a uma hespanhóla, para conduzil-as aos hoteis, em que, fazendo um papel desprezível, partilha do lucro destas mulheres, e as conduz pelo braço ao leito da lascivaria? Quem não conhece o famigerado Luiz Gomes de Mello, conhecido por Mellô, porque para adulor aos francezes, affecta pronuncia carregada, para melhor parecer-se com elles? Quem não se lembrará do trampolneiro que quando redactor do *Monarchista*, abuzou da bôa fé dos incautos a quem pedio assignaturas. Quem é que não olha com asco revoltante para este jogador de profissão, este velhaco, este cão?! Mercê de Deus, ainda não praticámos infamias, ainda não corou-nos as faces, por um crime, desminta-nos o asqueroso redactor da *Opinião liberal*, accuze-nos com as provas na mão, mas que o seja pelo *Jornal do Commercio*, porque por sua folha apenas nos teríamos contentado cm limpar com ella o.... pois tal é a consideração que merece um pasquim, que se vende a quem mais paga, que se prostitue a quem melhor sabe incitar-o á devassidão!